

Um combate (des)necessário: micro-história, método e escala

A (Un)necessary Battle: microhistory, method, and scale

<https://doi.org/10.26512/rhh.v13i29.60258>

Maíra Ines Vendrame

Universidade Federal de Pelotas

<https://orcid.org/0000-0001-5658-076X>

vricamaira@yahoo.com.br

Resumo

O artigo surge da necessidade de aprofundar o debate sobre a micro-história italiana, a partir de uma análise publicada nesta revista sobre dualidade escalar e não-escalaridade na obra *Jogos de Escalas* (Revel). Aponta para os limites da oposição “micro versus macro” e reforça que a escala micro analítica funciona como operação epistemológica, não hierarquia espacial. Nesse sentido, traz informações sobre o surgimento da microanálise na Itália e suas diferentes vertentes, destacando atenção mais recente para a compreensão do espaço e da escala enquanto objeto de análise, e não como categoria natural. Reforça, assim, que a micro-história é um método experimental capaz de revelar dinâmicas sociais invisíveis além do concreto e situacional, enfatizando o diálogo com questões mais amplas, estruturas e fenômenos, e a busca por generalizações, destacando a sua relevância contemporânea para as pesquisas sobre história global.

Palavras-chave

Micro-história, Método Experimental, Escala, Espaço

Abstract

The article arises from the need to deepen the debate on Italian microhistory, based on an analysis published in this journal discussing scalar duality and non-scalarity in Jacques Revel's *Jeux d'Échelles*. It points to the limits of the “micro versus macro” opposition and emphasizes that the micro-analytical scale functions as an epistemological operation rather than a spatial hierarchy. In this sense, it provides information on the emergence of microhistory in Italy and its different strands, highlighting recent attention to understanding space and scale as objects of analysis rather than as natural categories. It thus reinforces that microhistory is an experimental method capable of revealing social dynamics invisible beyond the concrete and situational, emphasizing dialogue with broader questions, structures, and phenomena, as well as the pursuit of generalizations, highlighting its contemporary relevance for research on global history.

Keywords

Microhistory, Experimental Method, Scale, Space

O presente ensaio propõe discutir, brevemente, algumas das ideias centrais acerca da micro-história e o problema da escala nas pesquisas históricas. Ele surge da necessidade de oferecer esclarecimentos a propósito do artigo *A escala como imperativo geográfico*, publicado no número 26 da *Revista História, Histórias*.¹ Nele, o autor realiza uma “leitura crítica” de dois capítulos do livro *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*, organizado por Jacques Revel,² com o objetivo de evidenciar a presença de uma dualidade escalar – micro e macro – na obra. Para entender a necessidade de “combate” em relação a não escalaridade nos textos analisados, é preciso considerar alguns pontos.

1. Não existe um único entendimento quanto à maneira como deveria ser tratada a relação entre as escalas pelos autores dos capítulos que compõem *Jogos de Escalas*. Para entender essa questão, é fundamental compreender o contexto de produção da obra e as discussões em torno da microanálise na década de 1990. Publicado na França em 1996, o livro resulta de um seminário que reuniu historiadores e antropólogos, como alguns dos principais expoentes da perspectiva microanalítica na Itália: Edoardo Grendi e Giovanni Levi. Somavam-se a esses outros(as) pesquisadores(as) italianos(as) com carreiras internacionais, como Maurizio Gribaudi, Sabina Loriga e Simona Cerutti, que haviam adotado a perspectivas da micro-história em suas pesquisas.

Composto por dez capítulos, um dos temas centrais da obra se liga à problemática da reconstrução do universo microssocial e das relações entre abordagens micro e macro.

Ela é um reflexo da acolhida da micro-história italiana no cenário internacional. Jacques Revel, organizador da coletânea, foi um dos grandes responsáveis por introduzir o debate sobre a microanálise nos estudos sobre história social na França. Em 1989, o referido autor viabilizou a publicação em francês do livro *Le pouvoir au village*, de Giovanni Levi.³ A formação de Revel havia sido marcada pela história social labroussiana, que utilizava o método quantitativo, com identificação das frequências, para a constituição dos contextos macros e recortes temporais amplos. Porém, durante sua estada na Itália nos anos de 1980, teve contato com as discussões sobre a micro-história realizada

1 MALULY, Vinicius Sodré Maluly. A escala como imperativo geográfico: a dualidade escalar e a não-escalaridade em “Jogos de escalas: a experiência da microanálise”, *Revista História, Histórias*, Vol. 12, n. 26, 2024, p. 1-19. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/56723/42031>. Acessado 01 de outubro de 2025.

2 REVEL, Jacques. *Jogos de Escalas: A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

3 LEVI, Giovanni. *Le Pouvoir au village: Histoire d'un exorciste dans le Piémont du XVII^e siècle*. Paris, Éditions Gallimard, 1989.

por um grupo restrito de historiadores italianos.⁴ Surgida no final da década de 1970, a referida perspectiva nasceu de uma série de debates entre pesquisadores que tinham orientações acadêmicas diferentes, como Edoardo Grendi, Carlo Poni, Giovanni Levi e Carlo Ginzburg. Revel acompanhou de perto as discussões nos principais canais de difusão científica da micro-história na Itália, que foram a revista *Quaderni Storici*, fundada em 1976, e a coleção *Microstorie*, cujas publicações ocorreram entre 1981 e 1991. Participou, especialmente, das reuniões de fundação dessa última e debates sobre os novos modos de reconstruir a história social. O que propunham era uma atenção voltada à agência individual, às ações e saberes locais, às relações entre as pessoas, suas estratégias e racionalidades. E se opunham às abordagens estruturalistas e funcionalistas centradas apenas na quantificação e no repetível como únicas vias de compreensão dos processos e transformações históricas. Essa nova proposta epistemológica, de caráter microanalítico, pretendia compreender de modo mais sensível as dinâmicas e práticas sociais.

Assim, influenciado pelas experiências intelectuais desenvolvidas na Itália, Revel passou a organizar seminários e cursos que enfatizavam a análise empírica de experiências sociais e situações particulares, sem desconsiderar as reflexões mais abstratas e gerais. Com o texto intitulado *Ao rés-do-chão*, escreveu a apresentação da obra *Le pouvoir au village*, de Giovanni Levi (publicada no Brasil, em 2001, com o título *Herança imaterial*).⁵ Tudo isso indica para importância que conferia para perspectiva da micro-história, considerando-a fundamental para o desenvolvimento do debate historiográfico francês.

Como mencionado anteriormente, a publicação da obra *Jogos de Escalas* é um reflexo das discussões sobre microanálise para além do restrito impacto no universo da pesquisa histórica na Itália. A relação entre as escalas, micro e macro, ganhou destaque nas discussões historiográficas francesas, ao mesmo tempo que eram acolhidas as sugestões de conferir atenção para os percursos e casos particulares. Assim, seria possível apreender a complexidade da realidade social, as diferentes vozes e contradições internas que marcavam os processos históricos. Abria-se uma discussão em torno dos métodos de leitura dos documentos e da necessidade de cruzamento entre diferentes tipologias de fontes. Em busca de uma leitura mais complexa do social, a dimensão relacional ganhava destaque, a busca pela reconstrução das redes que conectavam os sujeitos estudados, a tipologia dos vínculos e a relação entre diferentes dimensões da vida, a econômica, social, política e cultural. Somado a tudo isso, refletir sobre a maneira de comunicar os resultados da pesquisa também passou a estar presente nos debates historiográficos.

4 REVEL, Jacques. Entrevista com Jacques Revel, concedida a Marieta de Moraes Ferreira, em Paris, fevereiro de 1997, *Estudos Históricos*, n. 19, 1997, p. 121-140. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/download/2037/1176>. Acessada em 22 de outubro de 2025.

5 LEVI, Giovanni. *Herança Imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Com a expansão da micro-história para além das fronteiras italianas, houve ampliação e aprofundamento das discussões sobre escalas, fontes, indivíduos e estruturas. Apesar de já se fazerem presentes entre os pesquisadores italianos, existiam diferentes percepções em relação à maneira como o laboratório da microanálise deveria funcionar.

Não existia um modelo único de micro-história. Ela também não se constituía como uma escola, mas diferentes experiências historiográficas. O que aproximava as pesquisas era a adoção da perspectiva microanalítica, no caso adoção de uma maneira de ler a documentação, construir os objetos de análise e acessar os contextos socioculturais. Apesar da defesa do método microanalítico, existiam entendimentos variados quanto às relações entre os níveis micro e macro, entre o singular e o representativo, o local e o geral. Essas diferenças eram reflexo de específicas experiências historiográficas e dos percursos intelectuais dos(as) pesquisadores(as) atraídos(as) pela microanálise e interessados(as) em pensar a articulação entre os conhecimentos produzidos em diferentes escalas de observação.

2. Os capítulos que compõem a obra *Jogos de Escalas* apontam para as distintas compreensões em relação à microanálise existentes entre os(as) pesquisadores(as) italianos e franceses. Além disso, indicam para a importância do diálogo interdisciplinar, especialmente entre história e antropologia, no desenvolvimento das pesquisas que questionavam as formas de pensar os processos históricos apenas a partir de uma dimensão macroestrutural. Mais que isso, a obra reuniu pesquisadores que haviam sido absorvidos pelas sugestões trazida escola dos *Annales*, porém, tinham percepções diferentes em relação às análises micro e macro. Diferentemente de Jacques Revel, que abre a obra *Jogos de Escalas* com o texto intitulado *Microanálise e construção do social*,⁶ seu colega, Bernardo Lepetit - autor do capítulo *Sobre a escala na História*⁷ - era alguém que havia conferido atenção para as abordagens amplas. As trajetórias dos referidos pesquisadores e seus contatos justificam em grande medida a constituição de um espaço de discussões sobre a relação entre as escalas e a importância da alternância ou não entre elas nas investigações históricas.

Do mesmo modo como era difícil identificar coerência e unidade entre as diferentes experiências historiográficas que caracterizavam a micro-história italiana até aquele momento, os capítulos que compõem o livro *Jogos de Escalas* também apontam para a maneira diversa como a proposta foi recebida no contexto internacional. Jacques Revel

6 REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. REVEL, Jacques. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 15-38.

7 LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na História. REVEL, Jacques. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 77-102.

destaca na apresentação que, para além de alguns problemas ainda em aberto e de certas clivagens, a questão central não era “opor um alto e um baixo, os grandes e os pequenos, e sim reconhecer que uma realidade social não é a mesma dependendo do nível de análise”⁸ — ou seja, da escala de observação onde cada um escolhe se situar.

Fenômenos tradicionalmente pensados em termos mais amplos — como o impacto do capitalismo na sociedade agrária italiana, a formação de uma sociedade industrial e os movimentos migratórios — passaram a ser analisados de maneira completamente diferente quando se deslocava a atenção para as trajetórias individuais e familiares, suas estratégias e os contextos locais específicos que as moldavam. O reconhecimento de que cada nível de análise produzia diferentes compreensões do social tornou-se um consenso.

Assim, enquanto um primeiro grupo, que incluía Jacques Revel e Bernard Lepetit, entendia a variação de escala como um recurso metodológico de “excepcional fecundidade” para a construção de objetos complexos, capazes de considerar a “estrutura folheada do social”, outro grupo — mais próximo do núcleo duro da micro-história italiana — defendia o privilégio do micro, uma vez que este engendrava o macro.⁹ Era nesse nível que se podiam apreender as formas e os modos pelos quais se operavam as dinâmicas sociais.

É necessário mencionar também que a década de 1990 é marcada pela *Spacial Turn*, que passa a destacar a dimensão espacial nos debates historiográficos. Logo, a maneira como a micro-história italiana será recebida no exterior precisa considerar a virada espacial. Na Itália, a atenção para a problemática da constituição dos lugares, considerando ações, saberes e práticas que garantiriam a conformação deles, ganhou destaque nas pesquisas microanalíticas. Edoardo Grendi, considerado o “fundador” da microanálise, promovia debates interdisciplinares através da realização do *Seminario di Storia Locale*, na *Università Degli Studi di Genova*. Considerar a dimensão espacial local na maneira de utilizar as fontes e sugerir novas problemáticas de pesquisas ganhou novos desdobramentos no debate historiográfico italiano a partir da década de 1990.¹⁰ Sobre essa discussão voltaremos posteriormente.

8 REVEL, Jacques. Apresentação. Jogos de Escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 12-14.

9 Idem

10 VENDRAME, Máira. A produção social dos lugares. VENDRAME, Máira; KARSBURG, Alexandre. Territórios da História: o micro, o local e o global. São Paulo: Alameda, 2023, p. 187-222.

3. Composto o último capítulo do livro *Jogos de Escalas*, intitulado *Repensar a micro-história?*, Edoardo Grendi¹¹ destaca que a perspectiva microanalítica se encontrava dividida em duas vertentes. Uma delas se dedicava ao estudo de casos, voltada à reconstrução dos universos culturais, e tinha como principal referência Carlo Ginzburg; já a outra, estava interessada em acessar as diferentes realidades relacionais, com o objetivo de mapear maneiras de pensar, agir e se relacionar das pessoas. Ambas defendiam a utilização de uma abordagem microscópica, que procurava fazer uma leitura aproximada, atenta e múltipla das diferentes tipologias de fontes. Porém, uma delas dava atenção à reconstrução das redes interpessoais através de uma perspectiva localizada, concreta. E, para além da diversidade temática das pesquisas, o que definia a micro-história era seu caráter experimental – a constituição de um verdadeiro laboratório de investigação histórica, no qual documentos, eventos e trajetórias eram submetidos a uma leitura aproximada e profunda.

No capítulo, Eduardo Grendi indicava para a falta de unidade entre as pesquisas dos fundadores da perspectiva microanalítica. Também fazia a defesa da sua opção por uma escala de observação localizada, micro, a qual considerava uma escolha “inovadora” e “radical”. Era através dela que entendia ser possível propor uma nova história social, interessada na “reconstrução do vivido”, nas relações interpessoais, ações, práticas e seus sentidos. Enquanto uma prática historiográfica, “combinada por forte exigência teórica”, entendia que a escala de observação micro oferecia “a possibilidade de enriquecer as significações dos processos históricos por meio de uma renovação radical das categorias interpretativas e de sua verificação experimental”.¹² O diálogo interdisciplinar com a antropologia são aspectos que se destacam nas pesquisas realizadas por Grendi. Conferiu destaque para a análise das implicações entre morfologia social e o espaço físico, bem como a consciência das pessoas estudadas em relação à dimensão territorial.¹³

A interlocução com a ecologia histórica, geografia, a cultura material e os conhecimentos ligados ao ambiente está presente nos primeiros números da revista *Quaderni Storici*, principal canal de divulgação dos estudos ligados à micro-história italiana, desde a década de 1970. Nos anos de 1990, os diálogos interdisciplinares com as disciplinas ligadas ao estudo da natureza e o espaço se reforçam devido ao interesse em propor uma nova epistemologia de história local. Atenção para uma diversidade maior de fontes, como aquelas observáveis sobre o “terreno”, possibilitava refletir sobre as ações (e saberes) de gestão das florestas e usos dos recursos ambientais numa determinada realidade.¹⁴

11 GRENDI, Edoardo. *Repensar a micro-história?* REVEL, Jacques. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 251-262.

12 GRENDI, Edoardo. *Repensar a micro-história?*, REVEL, Jacques, Op. Cit., p. 262.

13 GRENDI, Edoardo. “Micro-analisi e storia sociale”. *Quaderni storici*, 35, 1977, 35, p. 506- 20.

14 Sobre atenção dada por Edoardo Grendi para o desenvolvimento de uma micro-história socioespacial, através do diálogo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, ver: VENDRAME, Maíra. *Micro-história socioespacial*:

A constituição de um paradigma forte que propiciasse integração entre espaço e sociedade territorial, entre história e os estudos do território, que buscasse entender a maneira como os lugares eram conformados através de rituais, vínculos e atividades diversas passou a ser uma questão presente nos estudos de Edoardo Grendi. Defendia a adoção de uma perspectiva topográfica para pensar a historicidade dos territórios, a consciência dos atores sociais em relação à dimensão espacial das comunidades e vizinhança, contribuindo assim para a elaboração de um modelo de história local.¹⁵ Iniciada em 1989, no primeiro encontro do *Seminario Permanente di Storia locale*, a discussão se centrou no uso das fontes, a produção das mesmas e a relação estreita entre os documentos escritos, enquanto objetos, e a realidade socioterritorial, no caso a comunidade, paróquia e vizinhança. O interesse em analisar as diferentes práticas sociais e cultura material em uma realidade local concreta foi uma constante nas pesquisas de Grendi. Ao fazer isso, não se restringia a apenas analisar o que ocorria numa dimensão reduzida, mas como as interações entre sujeitos, grupos e a comunidade aconteciam com outras instâncias externas, como o Estado. Desse modo, realizava uma investigação que conectava o local, o regional e as esferas de poder político mais amplas.¹⁶ Através de uma abordagem microanalítica, a relação entre diferentes dimensões, entre questões individuais, familiares e comunitárias e aspectos culturais mais gerais da sociedade, aparecem através dos movimentos dos próprios sujeitos estudados.¹⁷

O diálogo interdisciplinar é algo que marca os debates em torno da revista *Quaderni Storici* desde os anos 1970, e que não foi abandonado, mas ampliado e fortalecido. Se, inicialmente, os estudos buscavam analisar a constituição de diferentes esferas agregativas locais e o funcionamento de estruturas de poder, considerando o peso dos vínculos sociais nos variados âmbitos da vida, posteriormente, o interesse também se voltou para compreensão dos processos de produção das localidades. Passou a ganhar atenção na leitura das fontes a dimensão espacial, como a consciência social das pessoas em relação ao espaço. Refletindo sobre as maneiras de produção de história local, Grendi propôs a “abordagem topográfica” como um recurso fundamental para a análise dos documentos.

práticas, saberes e territórios no debate historiográfico italiano. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 31, n. 1, 2025, p. 1-22. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/48446>. Acessado em 22 de outubro de 2025.

15 GRENDI, Edoardo. “Sotria di una storia locale: non abbiamo avuto una Local History?”. *Quaderni Storici*, 82, n. 1, 1993, p. 141-197.

16 WICKHAM, Chris. “Edoardo Grendi e la cultura materiale”. *Quaderni storici*, Bologna: il Mulino, v.110, n.2, 2002, p.323-332.

17 GRENDI, Edoardo. *I Balbi: una famiglia genovese fra Spagna e Impero*. Torino: Einaudi, 1997.

Considerar a dimensão territorial concreta tinha como objetivo constituir um “paradigma forte” de história local, que integrava sociedade, espaço e ambiente, em diálogo com a ecologia histórica e a *Local History* inglesa.¹⁸

A proposta microanalítica topográfica propiciava, portanto, um uso mais rico e não inocente das fontes, permitindo refletir sobre o seu contexto de produção, “gênese” e multiplicidade de sentidos que era possível apreender. Na década de 1990, micro-historiadores italianos avançaram nas análises a respeito das reflexões sobre a natureza reivindicativa das fontes, os seus usos e a produção histórica dos lugares, concebendo o espaço como resultado de práticas, rituais e conflitos sociais. Pensar a dimensão espacial como um problema na pesquisa, que era fundamental também considerar na leitura das fontes, passou a ter destaque em estudos que buscavam entender a constituição das localidades.¹⁹ Começou a ganhar força o que chamamos de uma micro-história socioespacial, uma perspectiva crítica e fecunda para compreender o funcionamento das estruturas de poder e do estabelecimento de uma topografia direitos territoriais.²⁰

O espaço e a paisagem são estudados através de uma perspectiva histórica, sendo as diferentes ações e práticas entendidas como produtoras contínuas das localidades. Desse modo, a comunidade passa a ser analisada como resultado de processos sociais e culturais, e não mais de forma reducionista e metafórica. A paisagem rural, analisada através de uma abordagem microanalítica, permite identificar práticas já extintas a partir dos “traços” preservados no ambiente – seja no solo, na vegetação ou na documentação escrita.²¹ Tomar o espaço de uma comunidade rural ou bairro, como um lugar que não é dado, mas que é resultado de construções, identificações, memórias, experiências e relações interpessoais diversas, se tornou central em algumas pesquisas microanalíticas nas últimas décadas.²² De um entendimento que refletia sobre as diferentes formas agregativas locais, redes e vínculos que conformavam os lugares, as análises foram aprofundando a relação entre a dimensão relacional, as ações e o espaço. Nesse sentido, as fontes e práticas sociais passaram a ser pensadas como instrumentos e caminhos que garantiam

18 GRENDI, Edoardo. “Charles Phythian Adam e la ‘Local History’ inglese”. *Quaderni Storici*, 30, n. 89, 1995, p. 559-578; GRENDI, Edoardo. *Storia di una storia locale. L’esperienza ligure (1792-1992)*. Veneza: Marsilio, 1996a.

19 Torre, Angelo. *La produzione storica dei luoghi*. *Quaderni Storici*, 37, n. 110, (2002): 443-475; Torre, Angelo. *Luoghi. La produzione di località in età moderna e contemporanea*. Roma: Donzelli Editore, 2011; Osvaldo. *Faida e parentele. Lo stato genovese visto dalla Fontanabuona*. Torino: Einaudi Editore, 1990.

20 VENDRAME, Maíra. *Micro-história socioespacial*, Op. Cit.

21 CEVASCO, Roberta. *Sulla “rugosità” del paesaggio*. *Études de lettres*, Université de Lausanne, 2013, p. 1-21.

22 Atenção para a dimensão espacial ganhou destaque sobretudo nas pesquisas de Angelo Torre e Maurizio Gribaudi. TORRE, Op. Cit., 2011; GRIBAUDI, Maurizio (org). *Espaces, temporalités, stratifications. Exercices sur les réseaux sociaux*. Paris: Découverte, 1998; GRIBAUDI, Maurizio. *Paris, ville ouvrière: une histoire occultée. 1789-1848*, Paris: La Découverte, 2014. Para compreender detalhadamente como a dimensão espacial foi tratada por Maurizio Gribaudi em suas pesquisas, ver: CARNEIRO, Deivy. *Espaço, interdependência e morfologia nas reflexões de Maurizio Gribaudi*. *Locus: Revista de história*, Juiz de Fora, v. 31, n. 1, 2025, p. 38-59.

a produção dos lugares, esferas essas de identificação e prerrogativas. Para a compreensão do espaço era necessário considerar as relações sociais concretas que o produziam e o configuravam continuamente.²³

Como mencionado anteriormente, não é possível pensar na micro-história italiana avançando apenas numa única direção. Desde o seu início, ela se constituiu por um projeto coletivo diverso, que debatia sobre as operações que envolviam a pesquisa, a leitura das fontes e prática investigativa, com temas e problemas diversos. O “caráter experimental” se caracteriza como uma de suas marcas,²⁴ bem como o diálogo interdisciplinar com outras ciências. Isso permitiu não apenas a adoção de novos métodos, mas também fontes. Nesse sentido, com a adoção da abordagem topográfica, os documentos passaram a ser compreendidos não mais apenas como recipientes de informações, mas como agentes ativos na construção de direitos territoriais. Para além dos registros escritos, a paisagem também passa ser vista como uma fonte de informação. Ela possibilita entender como cada grupo se relaciona com o ambiente, o transforma, garantindo o controle e uso de determinados recursos naturais.²⁵

4. Em relação ao que foi discutido até então, buscou-se mostrar o quanto a micro-história italiana não pode ser entendida através de uma ortodoxia teórica e metodológica. Ela consiste em uma perspectiva analítica que reduz a escala de observação como procedimento epistemológico para garantir a produção de um novo conhecimento histórico. Diferentes experiências historiográficas surgiram como exemplos de estudos que aplicaram a microanálise, que pensaram de maneira diversa a relação entre experiências e saberes situados, entre o específico e a generalização, entre o local e o geral. Viu-se também que o diálogo interdisciplinar com a geografia é algo realizado desde o momento inicial da micro-história italiana, sendo a redução da escala de análise algo imprescindível para referida perspectiva metodológica.

O uso do conceito de “escala”, central à ciência geográfica e presente nos capítulos do livro *Jogos de Escalas*, de Revel, motivou as críticas discutidas no início deste ensaio. A

23 Para compreender como a dimensão espacial é tratada enquanto objeto nas diferentes pesquisas de micro-história, desde o surgimento dessa perspectiva metodológica, ver algumas análises recentes. VENDRAME, Op. Cit., 2023; VENDRAME, Op. Cit., 2025; CARNEIRO, Op. Cit., 2025; GIL, Tiago. Interações, densidades, grupos e comunidades: algumas reflexões sobre a apropriação da Social Network Analysis pela Micro-História italiana. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre. Territórios da História: o micro, o local e o global. São Paulo: Alameda, 2023, p. 223-240.

24 ESPADA, Henrique. O laboratório da Micro-história. VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre. Territórios da História: o micro, o local e o global. São Paulo: Alameda, 2023, p. 10.

25 Para uma discussão mais aprofundada sobre a maneira como a dimensão espacial local é abordada nas pesquisas de alguns dos principais historiadores ligados a micro-história, conferir: VENDRAME, Op. Cit., 2025, p. 60-81.

principal delas refere-se à dualidade “micro versus macro” e à noção de não-escalaridade presentes nos dois capítulos analisados, que abordam a microanálise nas pesquisas históricas. Frente a isso, propõe-se um uso mais dinâmico da perspectiva escalar, não hierárquica, com maior integração entre as ciências, no caso a história e a geografia. Essa perspectiva dualista, hierarquizada entre níveis micro e macro, não pode ser confundida com a proposta da microanálise apresentada pelos historiadores italianos.

Para a micro-história, especialmente aquela produzida na Itália ou que tem inspiração nos modelos historiográficos de Edoardo Grendi, Giovanni Levi, Carlo Ginzburg e Carlo Poni, escala não é entendida como uma simples questão de “tamanho”, do pequeno *versus* grande, mas como uma opção de método e de perspectiva analítica. Ela não é a história dos pequenos, de um lugar, mas uma reconstrução densa de momentos, situações e relações nas quais a complexidade humana se torna visível. Trata-se de uma maneira de acessar contextos não possíveis de serem observados através de outra perspectiva analítica, e que indica para o funcionamento das relações de poder, revelando racionalidades e as incoerências dos sistemas aparentemente unificados. Nesse sentido, a redução de escala é uma “operação experimental” baseada na análise microscópica e em um “estudo intensivo do material documental”.²⁶ A micro-história não significa o estudo de “coisas pequenas”, restritas a dimensões particulares, mas, sim, aquilo que só pode ser apreendido através de análises aproximadas, não se restringindo a um lugar ou fato excepcional. Situações e percursos específicos funcionam como via de acesso a estruturas e contextos escondidos, que possibilitam propor generalizações e novas problematizações para entender fenômenos mais gerais.²⁷ Nesse sentido, a redução da escala de observação serve a propósitos experimentais.

Segundo Giovanni Levi, o que aproxima as pesquisas que utilizam a micro-história é o entendimento de que a “observação microscópica revelará fatores previamente não observados”. Ao se alterar a escala de análise, os fenômenos assumem novos significados.²⁸ E mesmo não sacrificando a busca pela compreensão das experiências individuais, a micro-história também não abre mão de pensar na generalização. Indícios, casos excepcionais podem ser tomados como reveladores de fenômenos mais gerais ou de questiona-

26 LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-história. BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 136.

27 LEVI, Giovanni. LEVI, Giovanni. 30 anos depois: repensando a Micro-História. In: VENDRAME, Máira Ines; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Orgs.). Ensaio de Micro-História, trajetórias e imigração. São Leopoldo: OIKOS, 2016, p. 18-31; LEVI, Giovanni. A História: Ciência das perguntas gerais e das respostas específicas. In: VENDRAME, Máira; KARSBURG, Alexandre (org.). Territórios da História: o micro, o local e o global. São Paulo: Alameda, 2023, p. 23-40.

28 LEVI, Op. Cit., 1992, p. 139, 141.

mentos para uma história mais ampla. O mencionado autor defende que os historiadores não devem generalizar as respostas, mas sim as perguntas. Define a história como a ciências das perguntas gerais e de uma infinidade de respostas locais.²⁹

Micro não é sinônimo de algo pequeno nem se refere ao tamanho do objeto de análise, mas a um método de investigação; da mesma forma, *macro* não deve ser entendido como uma dimensão maior ou mais importante. Ambos constituem níveis heurísticos, isto é, utilizam abordagens, justificativas empíricas e teóricas diferentes.³⁰ Em ambas, espaço e escala devem ser tomados como objetos de investigação, e não como dados naturais, mas como dimensões produzidas por práticas sociais, comportamentos e interações — como destacam os(as) pesquisadores(as) ligados(as) à micro-história italiana.³¹ Entender como as conexões dentro de uma escala geográfica ampla afeta a vida na realidade concreta, ou seja, como interfere nas experiências em contextos circunscritos deve ser uma das preocupações dos estudos que refletem sobre problemáticas globais.

Portanto, é importante entender que a micro-história não se limita ao estudo de uma comunidade, grupo ou indivíduo, de algo pequeno, circunscrito, mas o ponto de partida para compreender questões mais gerais que afetavam as sociedades do passado. O lugar, o caso e a experiência funcionam como laboratórios de análise, possibilitando, a partir da perspectiva microanalítica, acessar novos contextos e propor novas problematizações para o entendimento de diferentes processos históricos. O olhar microscópico permite chegar a distintas interpretações sobre um mesmo fenômeno, como no caso das migrações transatlânticas da Europa para a América no Oitocentos. Compreender esse processo a partir de contextos e percursos específicos conduz a interpretações mais complexas. Assim, adotar uma perspectiva micro é essencial para evitar leituras mecânicas e dicotômicas que atribuem uma suposta primazia explicativa ao nível macro. Seja em pesquisas de caráter mais cultural, como a de Carlos Ginzburg³², ou mais social, como as de Giovanni Levi³³, as análises centradas em experiências individuais concretas recusaram o uso de categorias de análise predefinidas, buscando construir novas a partir das escolhas dos sujeitos estudados, cujas margens de liberdade e de ação eram limitadas, mas não inexistentes.

29 LEVI, Op. Cit., 2023.

30 TORRE, Angelo. Micro/Macro: local/global? El problema de la localidad en una historia espacializada. *História Crítica*, n. 69, 2018, p. 37-67. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-16172018000300037. Acessado em 29 de out. 2025.

31 Sobre isso ver os capítulos que compõem a obra *Territórios da História*, especialmente os textos de Angelo Torre e Cristian De Vito. VENDRAME, Máira Ines; KARSBURG, Alexandre. *Territórios da História*, Op. Cit., 2023.

32 GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

33 LEVI, Op. Cit., 2000.

A micro-história, ao investigar a vida e as estratégias de famílias específicas, revela simultaneamente dimensões locais e globais, desafiando a ideia de que essas escalas se organizam de forma hierárquica ou linear. Nenhuma dimensão isolada fornece um contexto explicativo completo; apenas a intersecção entre elas permite compreender a complexidade das práticas sociais e econômicas.³⁴ Investigações micro analíticas centradas nas escolhas de grupos específicos tem atentado para as conexões invisíveis em análises de larga escala, oferecendo perspectivas que enriquecem a história global e conectada.³⁵ Mesmo diante de um panorama historiográfico diversificado em relação aos anos 1990, os métodos e perguntas da micro-história permanecem altamente relevantes, servindo como ferramentas para estudar fenômenos históricos em múltiplas escalas. O desafio de articular análises micro e macro, conciliando investigação empírica e narração em dimensões espaciais e temporais amplas, continua central para aqueles que buscam compreender a história de forma global e interconectada.

Para finalizar, sempre será necessário reforçar, especialmente tendo em vista os debates mais recentes entre micro-história e história global, que a escala no qual se analisa um fenômeno histórico deve ser tomado como um objeto de investigação. Essa é uma das questões fundamentais propostas pelos estudos microanalíticos, embora nem sempre tenha sido conferida a devida atenção à compreensão das dinâmicas de conformação da vizinhança e da localidade.³⁶ Além disso, os estudos microanalíticos realizados por historiadores italianos, geralmente centrados em pesquisas sobre uma comunidade, transmitiram a impressão equivocada de que a escala local é o único horizonte espacial da investigação. Conclui-se, portanto, reforçando que o *micro* não é sinônimo de “local” no sentido de espaço geográfico, e que o método microanalítico se afirmou como um instrumento de verificação das generalizações.

34 TRIVELLATO, Francesca. Existe future para a micro-história italiana na era da história global? In: CARNEIRO, Deivy Ferreira; VENDRAME, Maíra I. (orgs.). Espaços, escalas e práticas sociais na micro-história italiana. Rio de Janeiro: FGV, 2021, p. 214-244.

35 TRIVELLATO, Francesca. Familiaridade entre estranhos: a diáspora sefardita, Livorno e o comércio transcultural na Idade Moderna. Lisboa: Edições 70, 2020; TRIVELLATO, Francesca. Casamento, capital comercial e agentes de negócios: Famílias transregionais sefarditas (e armênias) no mediterrâneo dos séculos XVII e XVIII. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre. Territórios da História: o micro, o local e o global. São Paulo: Alameda, 2023, p. 317-346.

36 Sobre a maneira como o conceito de comunidade é tratado como sinônimo de redes sociais nas pesquisas realizadas pelos micro-historiadores italianos na década de 1980, conferir: GIL, Tiago. Interações, densidades, grupos e comunidades: algumas reflexões sobre a apropriação da Social Network Analysis pela Micro-História italiana. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre. Territórios da História: o micro, o local e o global. São Paulo: Alameda, 2023, p. 223-240.

Referências

CARNEIRO, Deivy. Espaço, interdependência e morfologia nas reflexões de Maurizio Gribaudi. *Locus: Revista de história*, Juiz de Fora, v. 31, n. 1, 2025, p. 38-59.

CEVASCO, Roberta. Sulla “rugosità” del paesaggio. *Études de lettres*, Université de Lausanne, 2013, p. 1-21.

ESPADA, Henrique. O laboratório da Micro-história. In: VENDRAME, Máira; KARSBURG, Alexandre. *Territórios da História: o micro, o local e o global*. São Paulo: Alameda, 2023, p. 07-16.

GIL, Tiago. Interações, densidades, grupos e comunidades: algumas reflexões sobre a apropriação da Social Network Analysis pela Micro-História italiana. In: VENDRAME, Máira; KARSBURG, Alexandre. *Territórios da História: o micro, o local e o global*. São Paulo: Alameda, 2023, p. 223-240.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GRENDI, Edoardo. “Micro-analisi e storia sociale”. *Quaderni storici*, 35, 1977, 35, p. 506-20.

GRENDI, Edoardo. “Storia di una storia locale: non abbiamo avuto una *Local History*?”. *Quaderni Storici*, 82, n. 1, 1993, p. 141-197.

GRENDI, Edoardo. “Charles Phythian Adam e la ‘*Local History*’ inglese”. *Quaderni Storici*, 30, n. 89, 1995, p. 559-578.

GRENDI, Edoardo. *Storia di una storia locale. L’esperienza ligure (1792-1992)*. Veneza: Marsilio, 1996a.

GRENDI, Edoardo. Repensar a micro-história? REVEL, Jacques. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 251-262.

GRENDI, Edoardo. *I Balbi: una famiglia genovese fra Spagna e Impero*. Torino: Einaudi, 1997.

GRIBAUDI, Maurizio (org). *Espaces, temporalités, stratifications. Exercices sur les réseaux sociaux*. Paris: Découverte, 1998.

GRIBAUDI, Maurizio. Paris, ville ouvrière: une histoire occultée. 1789-1848, Paris: La Découverte, 2014.

LEPETIT, Bernard. *Sobre a escala na História*. REVEL, Jacques. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 77-102.

LEVI, Giovanni. *Le Pouvoir au village: Histoire d'un exorciste dans le Piémont du XVII^e siècle*. Paris, Éditions Gallimard, 1989.

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-história. BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 133-162.

LEVI, Giovanni. *A herança Imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEVI, Giovanni. LEVI, Giovanni. 30 anos depois: repensando a Micro-História. In: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (Orgs.). *Ensaio de Micro-História, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: OIKOS, 2016, p. 18-31.

LEVI, Giovanni. A História: Ciência das perguntas gerais e das respostas específicas. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (org.). *Territórios da História: o micro, o local e o global*. São Paulo: Alameda, 2023, p. 23-40.

MALULY, Vinicius Sodré Maluly. A escala como imperativo geográfico: a dualidade escalar e a não-escalaridade em “Jogos de escalas: a experiência da microanálise”, *Revista História, Histórias*, vol. 12, n. 2, 2024, p. 1-19. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/56723>. Acessado 30 out. 2025.

RAGGIO, Osvaldo. Faída e parentele. Lo stato genovese visto dalla Fontanabuona. Torino: Einaudi Editore, 1990.

REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. REVEL, Jacques. *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 15-38.

REVEL, Jacques. Entrevista com Jacques Revel. Esta entrevista foi concedida em fevereiro de 1997 a Marieta Moraes Ferreira, *Estudos Históricos*, v. 10, n. 19, 1997, p. 121-140. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2037>. Acessado 25 de setembro de 2025.

TORRE, Angelo. La produzione storica dei luoghi. *Quaderni Storici*, 37, n. 110, (2002): 443-475.

TORRE, Angelo. *Luoghi. La produzione di località in età moderna e contemporanea*. Roma: Donzelli Editore, 2011.

TORRE, Angelo. Micro/Macro: local/global? El problema de la localidad en una historia espacializada. *História Crítica*, n. 69, 2018, p. 37-67. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-16172018000300037. Acessado em 29 de out. 2025.

TRIVELLATO, Francesca. *Familiaridade entre estranhos: a diáspora sefardita, Livorno e o comércio transcultural na Idade Moderna*. Lisboa: Edições 70, 2020.

TRIVELLATO, Francesca. Existe futuro para a micro-história italiana na era da história global? In: CARNEIRO, Deivy Ferreira; VENDRAME, Máira I. (orgs.). *Espaços, escalas e práticas sociais na micro-história italiana*. Rio de Janeiro: FGV, 2021, p. 214-244.

TRIVELLATO, Francesca. Casamento, capital comercial e agentes de negócios: Famílias transregionais sefarditas (e armênias) no mediterrâneo dos séculos XVII e XVIII. In: VENDRAME, Máira; KARSBURG, Alexandre. *Territórios da História: o micro, o local e o global*. São Paulo: Alameda, 2023, p. 317-346.

VENDRAME, Máira. A produção social dos lugares. VENDRAME, Máira; KARSBURG, Alexandre. *Territórios da História: o micro, o local e o global*. São Paulo: Alameda, 2023, p. 187-222.

VENDRAME, Máira. Micro-história socioespacial: práticas, saberes e territórios no debate historiográfico italiano. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 31, n. 1, 2025, p. 1-22. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/48446>. Acessado em 22 de outubro de 2025.

WICKHAM, Chris. “Edoardo Grendi e la cultura materiale”. *Quaderni storici*, Bologna: il Mulino, v.110, n.2, 2002, p.323-332.

Recebido em 31 de outubro de 2025
Aprovado em 04 de novembro de 2025
Autora convidada